

CLARICE LISPECTOR E FARNESE DE ANDRADE: UMA ÁGUA VIVA BIOGRÁFICA¹

Marcos Antônio de OLIVEIRA* (UFMS)*
marcosbessa2001@yahoo.com.br
Prof. Dr. Edgar César NOLASCO**

RESUMO: Discute-se muito hoje nas disciplinas de Teorias literárias e pictóricas, nas universidades, a questão biográfica nas obras artísticas contemporâneas. Grande parte dos teóricos e professores ministrantes destas disciplinas garantem que para que uma obra artística tenha uma importância não apenas como obra decorativa, comercial ou qualquer outra finalidade que não seja uma importância social, emocional ou que toque o íntimo do espectador, ela tenha que ter um grande ou, se não, total caráter biográfico. E ao falarmos do caráter biográfico em obras artísticas, não poderíamos deixar de pensar em dois personagens que marcaram as artes brasileiras, ou seja, na literatura/pintura Clarice Lispector e nas artes plásticas Farnese de Andrade. Sendo assim, o livro Água viva, talvez possa ser lido como uma espécie de teoria biográfica para a vida/pictórica/obra de Clarice, assim como as obras de Farnese possam ser lidas como biografias do artista.

ABSTRACT: There are many discussions nowadays in the disciplines of Literary and Pictorial Theories, in the universities, about the biographical question in contemporary artistic works. Most of the theoretical and teachers ministrant's of these disciplines ensure that the importance of an artistic work is not just as a decorative work, commercial or any other purpose, than a social, emotional importance, or that touch the hearts of the viewer, it must have a large, or if not, a wholly biographical character. And when we talk about biographical character in artistic works, we could not stop thinking about two characters that marked the Brazilian arts in literature and painting, Clarice Lispector and in the fine arts Farnese de Andrade. Therefore, the book Água viva can be read as a kind of biographical theory for the inheritance/work /life of Clarice, as well as the works of Farnese can be read as biographies of the artist.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector, Autobiográfico, Farnese de Andrade

KEYWORDS: Clarice Lispector, Autobiographical, Farnese de Andrade

“(...) eu não entendo o que eles falam, mas lamento esse falso vanguardismo, cheio de modismos, frio, calculista, pouco humano. A melhor crítica é aquela que entra em contato com a obra do autor quase telepaticamente (...)”
Lispector in *Clarice Lispector*: esboço para um possível retrato, p. 74

Para falar das obras do artista plástico Farnese de Andrade e da pintora Clarice Lispector, nós não podemos deixar de mencionar a presença do traço Barroco, mais precisamente do Barroco Mineiro. Logo que começamos a observar tais produções nos deparamos com fragmentos do estilo nas peças de ambos, estilo este que teve como seu maior disseminador na região de Minas Gerais Aleijadinho. Farnese trabalhava com fragmentos de madeira muitas das vezes recolhidas das sobras de canteiros de construções e outros materiais. Já Clarice usava a madeira como suporte para executar a maior parte de suas pinturas. Aleijadinho fez uso da madeira com grande frequência para desenvolver parte significativa de sua obra pictórica e escultórica, a exemplo temos como obra maior deste artista barroco a cidade mineira de Ouro Preto, foco quase que central da Arte Barroca brasileira.

Podemos dizer que a idéia central do Barroco, e metaforicamente as obras de Farnese de Andrade e Clarice Lispector, “(...) é tudo que há de mais contrário à clareza, ao tipo linear à nitidez de contornos da civilização (...)” (PROENÇA FILHO, 1985: 140), ou seja, são obras contrárias a tudo a que os artistas, Clarice Lispector e Farnese de Andrade, viram até então em suas vidas. O movimento Barroco, *grosso modo*, apesar das idéias contrárias aos movimentos anteriores, não descartava em toda a totalidade estes, o que podemos pensar também para as obras farnesiana e clariciana, baseando-nos no que afirma Coutinho quando diz que o movimento:

(...) sem que signifique uma repulsa daqueles ideais, mas uma tentativa de conciliação de incorporação, de fusão (o fusionismo é o traço predominante no Barroco), do ideal medieval, espiritual, supra-terreno, como os novos valores que o Renascimento pôs em relevo: o humanismo, o gosto da arte, as satisfações mundanas e carnis. A tática decorreu da Contra-Reforma, no intuito, consciente ou inconsciente, de combater o moderno espírito, absorvendo-o no que tinha de mais aceitável. Dessa tática nasceu o barroco, novo estilo de vida (...) (COUTINHO *apud* PROENÇA FILHO, 1985: 140).

Portanto, podemos dizer que a obra de Farnese de Andrade é *uma tentativa de conciliação de incorporação, e de fusão*, entre o novo e o antigo, ou seja, o artista faz uso de materiais os mais inusitados

como a fotografia, a resina de poliéster, que para sua época eram bastante atuais; também:

(...) Em 1964, começa a criar obras com materiais descartados, coletados nas praias e nos aterros. Posteriormente utiliza armários, oratórios, gamelas, ex-votos, adquiridos em antiquários e depósitos de materiais usados. Fotografias antigas também estão presentes em sua obra. Desde 1967, utiliza resina de poliéster, envolvendo materiais perecíveis. (...) (ITAÚ CULTURAL, 2005: 1).

E no caso da obra pictórica de Clarice podemos confirmar a relação com o estilo Barroco quando em seu livro *Um sopro de vida: pulsações* (1978), publicado postumamente, ela afirma na voz da personagem Angela Pralini/Clarice Lispector que usara a madeira como o seu suporte predileto:

(...) vivo tão atribulada que não aperfeiçoei mais o que inventei em matéria de pintura. Ou pelo menos nunca ouvi falar desse modo de pintar: consiste em pegar uma tela de madeira - pinho de riga é a melhor - e prestar atenção às nervuras. De súbito, então vem do subconsciente uma onda de criatividade e a gente se joga nas nervuras acompanhando-as um pouco - mas mantendo a liberdade. Fiz um quadro que saiu assim: um vigoroso cavalo com longa e vasta cabeleira loura no meio de estalactites de uma gruta. É um modo genérico de pintar, E, inclusive, não se precisa saber pintar: qualquer pessoa, contanto que não seja inibida demais, pode seguir essa técnica de liberdade (...) (LISPECTOR, 1978: 49-50).

Também é sabido que a escritora, quando acusada de que copiava certos autores, nega que tenha lido grandes e clássicos autores da literatura brasileira e até mundial. Já no caso da pintura a autora afirma categoricamente que tem preferência por alguns artistas clássicos, como afirma: "(...) vi coisas de Michelangelo, de Boticelli, de Rafael, de Berninetti Cellini, de Brunelleschi, de Donatello que eu gosto mais do que Michelangelo, de muitos outros (...)” (LISPECTOR apud BORELLI, 1981: 109).

Sobre o Barroco vários teóricos, desde seu surgimento, tentam dar um significado ao que seria o Barroco como palavra e como movimento;

(...) o estabelecimento do conceito de barroco tem sido empresa muito árdua, não raro acompanhada de incompreensões e de equívocos lamentáveis. E apesar de inúmeros estudos que ao problema tem sido consagrados — a bibliografia sobre o barroco cresce desmesuradamente todos os anos —, de modo algum se pode afirmar que frequentemente se tenham alcançado conclusões incontroversas e que tenham desaparecido as divergências importantes. Se as dúvidas, porém, são ainda muitas (...), as certezas já adquiridas acerca da questão do barroco representam

um considerável cabedal de conhecimentos e constituem um dos mais meritorios títulos da história (...) (AGUIAR E SILVA, 1968: 329).

Então pensamos que por ser um conceito italiano, mais tarde o mesmo foi empregado às artes para descrever um estilo novo que aparecia também como falso e ridículo. Porém, tal etimologia não seria aceita na França, Espanha e Portugal, e que mais tarde nem a própria Itália o empregaria mais. A etimologia mais adotada seria a de origem hispânica, onde, "(...) essa origem deve ser procurada no termo "barroco", usado na língua portuguesa do século XVI para designar uma pérola de forma irregular (...)" (AGUIAR E SILVA, 1968: 331).

Pérola de forma irregular, a nosso ver, é a etimologia empregada até os nossos dias, para designar o que tenha sido o estilo do movimento Barroco, além, é claro, de outros termos, como: grotesco, rebuscado, carregado etc. Compreendido como um estilo que ocorreu entre os anos de 1600 – 1750, o termo Barroco é empregado para descrever toda a arte que ocorreu neste intervalo.

O mesmo "grotesco" também pode ser pensando para as obras dos dois artistas, Farnese de Andrade e Clarice Lispector, pois Farnese trabalha com peças já descartadas pelos demais seres da sociedade, o que causa certo desconforto ao espectador; e Clarice já tivera sua pintura analisada pelo viés da teoria do grotesco, bem como sua literatura.

Considerando a discussão acerca da etimologia da palavra, podemos pensar que alguns estudos ainda discutem o movimento em si: alguns o consideram uma fase conseqüente do Renascimento, ou seja, uma continuidade, ou ainda uma introdução à era moderna.

(...) hoje é opinião geral que o novo estilo nasceu em Roma nos últimos anos do século XVI. Mas discute-se ainda se o Barroco é a última fase do Renascimento, ou se constitui uma era distinta tanto do Renascimento como da época moderna (...) (JANSON, 1977: 483).

Sabemos que o Barroco é visto por muitos como um movimento da Contra-Reforma, ou seja, ele nasce exatamente no momento em que a Igreja Católica pretendia se re-consolidar como a detentora da fé e do saber:

(...) o Barroco (...), apelava para o instinto, para os sentidos, para a fantasia, ou seja, tendia a fascinar. Não por causalidade havia nascido como instrumento artístico da Igreja Católica, que nesse período tendia a recuperar os fiéis que tinham se afastado, ou pelo menos a consolidar a fé dos fiéis, impressionando-os também com sua própria majestade (...) (CÁPUA, 2006: 102).

Podemos dizer que o Barroco não teve a mesma intensidade de movimento em todo o território pelo qual se estendeu, da Europa à América Latina, porque o movimento ocorreu como se fossem ondas concêntricas, ou seja, como uma pedra que cai em um lago e as ondas formadas a partir desta queda tem menor intensidade conforme vão se aproximando da margem do lago, perde suas forças ou ganham novas formas; assim foi o Barroco, a partir de seu surgimento na Roma do século XVI até a chegada na América Latina no século XVIII. Pode-se dizer então que o Barroco foi recebido de "braços abertos" e totalmente absorvido nas regiões onde imperava a religião católica, e com menor intensidade onde "(...) o Protestantismo estava na defensiva (...)" (Janson, 1977: 483).

Assim pensamos que estes traços barrocos nos trabalhos de Farnese de Andrade talvez não poderiam mesmo estar fora de sua obra, posto que se tratava de um artista de descendência mineira, nascido na cidade de Araguari, no estado de Minas Gerais, em 26 de janeiro de 1926, e falecido em 18 de julho de 1996 no Rio de Janeiro. Não por acaso o artista afirma que:

(...) o uso dos oratórios fomentou minha tendência litúrgica – a qual desde minha primeira exposição já existia, Talvez por influência da minha origem mineira (barroca?), usava os elementos dessa tendência – restos de altares, santos, ex-votos – mais com décor e por gosto, e principalmente para deixar claro que minhas anunciações e anjos anunciadores nada têm a ver com Cristo, o fascinante personagem histórico que deve ter tido enorme magnetismo pessoal em alguns poderes extra-sensoriais – se não, não seria lembrado até hoje (...) (FARNESE *apud* COSAC, 2005: 183 – 184).

Comprovado o caráter/referência Barroca nas obras dos artistas, um outro caráter que a nosso ver vale ser discutido é a questão autobiográfica nas obras farnesianas e claricianas.

Discute-se muito hoje nas disciplinas de Teorias literárias e pictóricas, nas universidades, a questão biográfica nas obras literárias, plásticas, musicais etc dos artistas contemporâneos. Grande parte dos teóricos e professores ministrantes destas disciplinas garante que para que uma obra artística tenha uma importância não apenas como obra decorativa, comercial ou qualquer outra finalidade que não seja uma importância social, emocional ou que toque o íntimo do espectador, ela tenha que ter um grande ou se não total caráter biográfico. Uma vez uma obra contendo este caráter, passa a explicar e mostrar ao espectador toda uma vivência do artista que a executou, mas também não deixa de mostrar ao espectador uma importância da obra em seu contexto social, seja ela uma obra passiva ou ativa em relação às críticas à sociedade.

Ao falarmos do caráter autobiográfico em obras artísticas, não poderíamos deixar de pensar em uma personagem que marcou a literatura brasileira com toda sua obra, a escritora Clarice Lispector. Para fazer uma análise da produção, literária e/ou pictórica, de Clarice Lispector, que se constitui em vários livros publicados e 16 quadros pintados, encontrando-se alguns destes quadros na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e por tal produção, no caso da pictórica, resumir-se a uma produção "amadora" da intelectual, realizada no decorrer do ano de 1975 e meados de 1976, época que imperavam questões como a Ditadura Militar e o consumo de produtos de massa, toma-se como base das análises a leitura do livro *Água viva*, por o mesmo apresentar uma narradora-pintora que se propõe dialogar com seu processo de criação pictural/verbal. Considerando, ainda, que quase toda a produção literária da escritora está atravessada por questões ligadas às artes plásticas, entendemos que para tais estudos teremos que fazer uso de material teórico tanto literário quanto pictórico.

O livro *Água viva* trata de uma narrativa corrida, dita por alguns estudiosos da produção clariciana, sem gênero, onde o fim da narrativa é a proposta de início da mesma, uma narrativa em círculos. Mas como já posto, pode-se dizer que se trata de uma narrativa descritiva do processo pictural da intelectual Clarice Lispector, e por isso tem um caráter muito autobiográfico. Em vários trechos da narrativa fica clara a descrição, por parte da personagem, de um processo de pintura e ainda de algumas pinturas, que, propositalmente ou não, são os mesmos quadros que foram pintados pela autora.

Sendo assim, *Água viva* talvez possa ser lido como uma espécie de teoria para a pintura de Clarice Lispector ou uma espécie de *Diário/relatório* da pintora, talvez como o *Diário* escrito por Frida Khalo, ou seja, ler a pintura na escritura, a vida na obra e vice-versa.

E quando falamos em relatório é considerando mesmo o sentido lato da palavra, ou seja, o de relatar, e no caso aqui a vida/obra de Clarice Lispector descrita no livro *Água viva*, se tratando este relato principalmente da vida/obra pictórica.

E ao se falar em vida no caso de Clarice, logo pensamos em uma menina ucraniana que fora gerada para salvar a esta de um mal, pois acreditava-se à época que a gravidez a salvaria, e cuja missão a criança falhara, falha que se converte em culpa e que Clarice vai carregar por toda a sua vida.

Fugindo das “guerras sociais” na Ucrânia, a família Lispector muda-se para o Brasil, época em que *Haia*, a menina, passa a ter o nome de Clarice quando já estava no Brasil, era uma criança de colo, como mais tarde a própria Clarice afirmaria em carta enviada ao presidente Vargas em seu pedido de reconhecimento da cidadania brasileira, alegando “que nunca pisara em solo ucraniano” e que “nem mesmo pensara uma única vez na vida como ucraniana”, porque esta não se sentia como tal e, muito pelo contrário, considerava-se “brasileira nascida e criada”.

Já no Brasil a família se aporta em Maceió por alguns anos, muda-se em seguida para Recife, onde Clarice vai freqüentar os estudos básicos da escola brasileira. Neste período Clarice perde a sua mãe, muda-se com o pai e as irmãs para o Rio de Janeiro, cidade que, segundo ela própria nas falas do narrador/escritor Rodrigo S. M. da obra *A hora da estrela*, “era uma cidade toda contra ela”, no caso aqui da personagem Macabéa, metaforicamente, travestida na pele de Clarice Lispector.

Já no Rio de Janeiro Clarice Lispector entra para o curso de Direito e com menos de 25 anos escreve a sua primeira obra literária, *Perto do coração selvagem* (1943), que causa grande impacto na crítica literária especializada da época, porque a consideraram uma obra muito profunda e *impactante* para ter sido escrita por uma “mulher” e ainda tão jovem. À esta época os grandes escritores eram “homens, senhores e brancos”, a exemplo de , um Machado de Assis, um Guimarães Rosa, entre outros, e críticos que podiam mesmo pensar, que um livro devia ser escrito por um homem, “pois uma mulher poderia lacrimejar piegas”.

Na hora em que iria receber os *louros* pela sua primeira e bem sucedida publicação, Clarice se casa com um diplomata e muda-se do Brasil, época em que esta vai passar 16 anos morando entre a Europa e os Estados Unidos como esposa de diplomata, num “exílio” involuntário, como afirmara uma sua estudiosa, e escrever mais três romances que não vão ter grande repercussão na crítica e na sociedade brasileira da época, não pela falta de qualidade dos trabalhos, mas talvez pela distância que existia entre a escritora e seus leitores.

16 anos mais tarde, divorciada, com dois filhos e morando na cidade do Rio de Janeiro, Clarice escreve contos e crônicas para jornais de circulação nacional e para alguns de circulação local, produção que lhe dá maior exposição no campo literário. Passados alguns anos entre outras publicações e manuscritos, a autora em 1973 publica a primeira edição da obra *Água viva*. Sabe-se que tal edição foi

publicada após a escritora fazer recortes de mais de 100 páginas da versão original, mas o que é curioso pensar é que estes manuscritos uma vez que se encontram na Fundação Casa de Rui Barbosa ao lado das obras pictóricas, conforme pudemos constatar na exposição realizada no Museu da Língua Portuguesa, na cidade de São Paulo, em agosto de 2007, não tenham sido publicados integralmente, e nem os quadros expostos. Mas, o mais curioso a saber é que alguns estudiosos garantem que foram retiradas estas várias páginas pela autora posto que ela as considerava "autobiográficas demais".

Segundo Marlene Gomes Mendes que escreve uma nota prévia para a edição de 1998 de *Água viva* onde comenta os prováveis títulos da obra, e que só vem a confirmar o que estamos tentando dizer até aqui do livro ser um relato sobre vida/obra da própria artista, *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*, só vem a confirmar nossas suspeitas de se tratar de uma teoria da pintura da escritora/pintora e um livro autobiográfico:

(...) *Água viva*, inicialmente chamada "Atrás do pensamento: monólogo com vida" e depois, "Objeto gritante", teve várias versões manuscritas, antes de Clarice decidir-se a encaminhar o texto à editora. Duas edições foram publicadas em vida da autora: a primeira, em 1973, pela Artenova, e a segunda, em 1976, pelo Círculo do livro (...) (MENDES, 1998: 6).

Ao aproximarmos dois artistas, com propostas de trabalhos tão diferentes, como Clarice Lispector e Farnese de Andrade, nos pegamos a pensar em que suas obras poderiam ter concordância? O caráter emocional, o caráter social ou o caráter biográfico? Entendemos que estes e outros fatores em seus trabalhos os aproximam, pois Nolasco afirma que "(...) vida e obra têm o mesmo estatuto, chegando a confundir-se. O acontecimento da "vida real" é a mola propulsora da vidas/obras e, mais, de todas e cada uma dela (...)" (Nolasco, 2004: 89). Tal passagem pensamos valer para a obra dos dois artistas: Farnese, "(...) entre 1950 e 1960, trabalha como ilustrador para o Suplemento Literário do Diário de Notícias, Correio da Manhã, o Jornal de Letras, e para as revistas Rio Magazine, Sombra, O Cruzeiro, Revista Branca e Manchete (...)" (Itaú Cultural, 2005, p. 1), algumas, destas publicações, que fazem parte da vida/obra de Clarice.

Além do Barroco, e ainda, as fotografias de família e em seus próprios auto-retratos, como define Helouise Costa, quando fala das obras de Farnese, em uma seleção enquanto curadora da exposição *Imagens aprisionadas* realizada entre 20 de janeiro a 5 de março de 2000 no Espaço Porto Seguro em São Paulo:

(...) nortearam a seleção das obras presentes nessa exposição. O primeiro foi, evidentemente, a presença física da imagem fotográfica nas obras, ao passo que o segundo foi privilegiar temáticas recorrentes na trajetória do artista. Desse modo, foram estabelecidas três grandes conjuntos que tratam respectivamente das relações familiares, do questionamento existencial e do jogo das aparências, temas convergentes na preocupação de Farnese com a condição humana, na sua perplexidade e solidão diante do mundo (...) (COSTA, 2000: 10).

Daí podermos pensar nesta grande aproximação, mesmo que metaforicamente, entre os dois personagens objetos de nosso trabalho, Farnese de Andrade e Clarice Lispector, pois a obra de ambos fora completamente atravessada, como já posto anteriormente, pela *preocupação com a condição humana, na sua perplexidade e solidão diante do mundo*. O que pode ser percebido melhor quando lemos a passagem do livro *Água viva*, quando ela diz que: "(...) nesse âmago tenho a estranha impressão de que não pertencço ao gênero humano (...)" (LISPECTOR, 1998: 27). Portanto, pensamos que tal preocupação por parte dos artistas, mais o caráter autobiográfico em suas obras, já fazem uma grande aproximação das *personas*, ainda que seja uma aproximação autobiográfica.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. 2ª ed., revista e aumentada. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CÁPUA, Carla Maria Buffo de. **História da Arte I**: da Pré-História ao Barroco. Apostila do curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ano 2006.

COSAC, Charles. **Farnese objetos**. Versão em inglês: Jeffery Hessney e Anthony Doyle. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

COSTA, Helouise. **Imagens aprisionadas**: a foto/objeto em Farnese de Andrade. Catálogo da exposição. Promovida pela Porto Seguros no Espaço Porto Seguro fotografia. 20 de janeiro a 05 de março de 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

GAMA, Alex. **O universo de Farnese de Andrade**. Catálogo da exposição Farnese de Andrade: gravuras e objetos. Promovida pelo Banco Francês e Brasileiro no Espaço Cultural BFB. 05 de maio de 1992 a 05 de junho de 1992.

JANSON, H. W. **História da Arte**: panorama das artes plásticas e da arquitetura da Pré-história à Actualidade. Trad. J. A. Ferreira de Almeida com a colaboração de Maria Manuela Rocheta Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Um sopro de vida**: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Restos de ficção**: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2004.

OLIVEIRA, Marcos Antônio e NOLASCO, Edgar Cézar. Clarice Lispector: o dito e o interdito da pintura à ficção. In. NOLASCO, Edgar Cézar. (Org.). **Espectros de Clarice**: uma homenagem. São Carlos – SP: Pedro e João Editores, 2007. P. 123 – 141.

PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na literatura: através de textos comentados. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

VIRTUAIS

[HTTP://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=675&cd_idioma=28555&cd_item=3](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=675&cd_idioma=28555&cd_item=3) – acesso em: 15 de setembro de 2007.

[HTTP://www.revistamuseu.com.br/upload/farnese_07_anunciaçã_andador_detalhe.jpg](http://www.revistamuseu.com.br/upload/farnese_07_anunciaçã_andador_detalhe.jpg) – acesso em: 24 de setembro de 2007.

[HTTP://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=1788](http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=1788) – acesso em: 24 de setembro de 2007.

[HTTP://www.terra.com.br/istoe/1843/fotos/arte_04.jpg](http://www.terra.com.br/istoe/1843/fotos/arte_04.jpg) – acesso em: 24 de setembro de 2007.

[HTTP://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=286&rv=Literatura](http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=286&rv=Literatura) – acesso em: 24 de setembro de 2007.

* Graduando em Artes Visuais/UFMS – DAC/CCHS – PIBIC/CNPq.

** Professor dos cursos de Pós-Graduação nível Mestrado – CPTL/CCHS – UFMS e Orientador da pesquisa.

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que o autor desenvolve como Bolsista da Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, sob o título – *O figurativo inominável: a art pictures* de Clarice Lispector.